



## PERDÃO E VIDA

**P**erdão é requisito essencial no erguimento da libertação e da paz.

**H**abituo-nos a pensar que Jesus nos teria impulsionado a desculpar “setenta vezes sete vezes” unicamente nos casos de ofensa à dignidade pessoal ou nas ocorrências do delito culposos, entretanto, o apelo do Evangelho nos alcança em áreas muito mais extensas da vida.

**S**e somarmos as inquietações e sofrimentos que infligimos a nós mesmos por não perdoarmos aos entes amados pelo fato de não serem eles as pessoas que imaginávamos ou desejávamos fossem, surpreenderemos conosco volumosa carga de ressentimento que nada mais é senão peso morto, a impelir-nos para o fogo inútil do desespero.

**I**ssso ocorre em todas as posições da vida.

**E**squecemo-nos de que nenhum ser existe imobilizado, que todos experimentamos alterações no curso do tempo e não relevamos facilmente os amigos que se modificam, sem refletir que também nós estamos a modificar-nos diante deles.

**C**asamento, companheirismo, equipe, agrupamento e sociedade são instituições nas quais é forçoso que o verbo amar seja conjugado todos os dias.

**N**a Terra, esposamos alguém e verificamos, muitas vezes, que esse alguém não é a criatura que aguardávamos; entregamo-nos a determinados amigos e observamos que não correspondem ao retrato espiritual que fazíamos deles; ou abraçamos parentes e colegas para a execução de certos empreendimentos e notamos, por fim, que não se harmonizam com os nossos planos de trabalho e passamos a sofrer pela incapacidade de tolerar as condições e realidades que lhes são próprias.

**R**eflitamos, no entanto, que os outros se alteram à nossa frente, quase sempre na medida em que nos alteramos para com eles.

**N**ecessário compreender que se todos somos capazes de auxiliar a alguém, ninguém, pode mudar ninguém, através de atitudes compulsórias, porquanto cada criatura é uma criação original do Criador.

**A**ceitemos quantos convivam conosco, tais quais são, reconhecendo que para manter a bênção do amor, entre nós, não nos compete exigir a sublimação alheia e sim trabalhar incessantemente e quanto nos seja possível pela própria sublimação.

**Emmanuel**

Do livro: **Indulgência**. IDE

Psicografia: **Francisco C. Xavier**

## PERDOAI PARA QUE DEUS VOS PERDOE

**1.** *“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia.”* (Mateus, V: 7.)

**2.** *“Se perdoardes aos homens as faltas que fazem contra vós, vosso Pai celeste também perdoará vossos pecados; mas se não perdoardes aos homens, quando vos ofendem, vosso Pai também não perdoará os vossos pecados.”* (Mateus, VI: 14 e 15.)

**3.** *“Se vosso irmão pecou contra vós, ide e falai-lhe sobre a falta em particular, entre vós e ele. Se vos ouvir tereis ganho um irmão.”* Então, aproximando-se dele, Pedro disse: *“Senhor, quantas vezes perdoarei meu irmão quando ele houver pecado contra mim? Será até sete vezes?”* Jesus lhe respondeu: *“Eu não digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”* (Mateus, XVIII: 15, 21 e 22.)

**4.** A misericórdia é o complemento da brandura, porque aquele que não é misericordioso não poderia ser brando nem pacífico; a misericórdia consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor



#### O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. X – Bem-aventurados os que são misericordiosos, itens 1 a 4

demonstram uma alma sem elevação e sem grandeza; o esquecimento das ofensas é próprio das almas elevadas, que estão acima dos males que lhes possam fazer; uma é sempre ansiosa, de uma sensibilidade sombria e cheia de amargura; a outra é calma, plena de mansidão e caridade.

Infeliz daquele que diz eu nunca perdoarei, porque se não for condenado pelos homens, certamente o será por Deus. Com que direito reclamaria o perdão das próprias faltas se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz para perdoarmos ao nosso irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete.

No entanto, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: a primeira é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segundas intenções, tratando com delicadeza o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda que ele tenha toda a culpa; a segunda é quando o ofendido, ou aquele que se crê ofendido, impõe condições humilhantes para perdoar e faz sentir o peso de um perdão que irrita em vez de acalmar. Se ele estende a mão não é com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a todo mundo: “Vede como sou generoso”! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera tanto de uma parte quanto de outra. Não, isso não é generosidade, é apenas uma maneira de satisfazer o orgulho. Em qualquer contestação, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra maior desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma, sempre conquistará a simpatia das pessoas imparciais.